

Deus, Nada e Ser como puras imediatidades na Lógica de Hegel

God, Nothing, and Being as pure immediacies in Hegel's Logic

Dios, la Nada y el Ser como inmediaciones puras en la Lógica de Hegel

DOI: 10.5281/zenodo.21502146

Recebido: 21 jul 2026

Aprovado: 22 jul 2026

Caio César Costa Santos

Doutor em Psicanálise pelo Instituto Gaio de Ensino Superior

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3778-035X>

E-mail: cesarinmind@gmail.com

RESUMO

Inicialmente, este ensaio tenta esclarecer em breves linhas, na medida do possível, a relação de Deus para consigo mesmo na ótica de Hegel. Em um primeiro momento, para Hegel, Deus seria, somente Deus, a pura imanência absoluta. Em um segundo momento, demonstramos, também dentro da lógica hegeliana, que a determinação da determinidade da imediatidade do ser de Deus é a mesmidade mesma da determinação da determinidade da imediatidade do ser do ser-aí, quando o elemento central aí é o pensar em Deus. E, por fim, em um terceiro momento, concluímos que, mesmo superficialmente, que Deus permanecerá oculto eternamente escondido em Sua pura vacuidade de origem enquanto o ser do ser-aí, diante de suas múltiplas e infinitas determinações, o seu ser, não passar a se envolver com a determinação que é o nada puro, ou seja, Deus velado.

Palavras-chave: Deus. Pura-imediatez. Nada puro. Hegel.

ABSTRACT

Initially, this essay attempts to clarify, as briefly as possible, God's relationship to Himself from Hegel's perspective. Firstly, for Hegel, God is, and only God, pure absolute immanence. Secondly, we demonstrate, also within Hegelian logic, that the determination of the determinacy of the immediacy of God's being is the very sameness of the determination of the determinacy of the immediacy of Dasein, when the central element there is thinking about God. And finally, thirdly, we conclude that, even superficially, God will remain eternally hidden in His pure emptiness of origin as long as Dasein, in the face of its multiple and infinite determinations, does not become involved with the determination that is pure nothingness, that is, the veiled God.

Keywords: God. Pure-immediacy. Nothing pure. Hegel.

RESUMEN

En primer lugar, este ensayo intenta aclarar brevemente —en la medida de lo posible— la relación de Dios consigo mismo desde la perspectiva de Hegel. Ante todo, para Hegel, Dios es —y solo Dios— pura inmanencia absoluta. En segundo lugar, demostramos —igualmente dentro de la lógica hegeliana— que la determinación de la determinidad de la inmediatez del ser de Dios es idéntica a la determinación de la determinidad de la inmediatez del ser del *Dasein* (el «ser-ahí»), siempre que el elemento central sea el pensamiento sobre Dios. Finalmente, en tercer lugar, concluimos —aunque brevemente— que Dios permanecerá eternamente oculto en su vacío primordial y puro a menos que el ser del *Dasein* —en medio de sus múltiples e infinitas determinaciones— se vincule con la determinación que es la pura nada: es decir, Dios velado.

Palabras-clave: Dios. Pura inmediatez. Nada puro. Hegel.

1. SOBRE A RELAÇÃO DE DEUS PARA CONSIGO MESMO: UMA INTRODUÇÃO

“Deus consigo mesmo” é a expressão que Hegel utiliza na maioria de seus escritos. Numa acepção bem ordinária e muito coloquial, seria dizer que “Deus conversa consigo mesmo”. No entanto, por incrível que pareça, é mais ou menos desta forma que Hegel quer demonstrar aos seus leitores. Não que “Deus conversa consigo mesmo”, mas que o *campo* por onde Deus, o Pai, se encontra está absolutamente *fechado*. “Fechado” porque, numa acepção no estilo hegeliana, “Deus é Ele mesmo”. Deus, sendo a única unidade verdadeira; ela é perfeitamente “verdadeira” porque Deus está *no encontro de si mesmo*. Seria como que a mônada leibniziana, ou seja, uma *substância simples*, no caso uma *mônada*, nada mais é do que a representação *in infinitum* de Deus. Quando Leibniz ([1714] (2016)) abre a sua *Monadologia* e diz categoricamente - “uma mônada representa o universo inteiro”; isto quer dizer que - um conjunto heteróclito de mônadas *representam* o sumo Deus em conjunto. O “junto” ou “conjunto” significa, na filosofia da religião, *um sumo conjunto de coisas criadas*. Assim, se cada mônada é criada do Pai, Deus é, *em si e para si*, cada uma destas mônadas. Acontece que, o senhor Leibniz estava indubitavelmente correto quando disse que “uma mônada *espelha* a outra sem se tocarem”. Ou seja, o universo inteiro, que é uma mônada, repousa na ideia divina e imanente de que o conseqüente espelhamento das mônadas deve-se perfeitamente ao reflexo ou ao espelhamento de Deus ao “olhar” para *consigo mesmo*.

A instância divina de cada mônada representa, sem sombra de dúvidas e de modo perfeito, o *Deus para consigo mesmo*. Esta expressão salienta também que um universo inteiro representado cada um destes universos em um *uno*; cada *uno* destes é Deus *por inteiro*, ou seja, na Sua inteireza de ser Deus para consigo mesmo. A pergunta neste momento é - “como o senhor Leibniz cria do abismo, ou seja, do vazio, uma teoria muito bem arquitetada para explicar a existência de Deus?”. Não saberemos, em um primeiro relance, explicar e até chegar a compreender com exatidão como Leibniz, na sua consciência criadora, *cria* um sistema filosófico para explicar que - “um conjunto de mônadas *explica* Deus”. E, o mais interessante disso tudo, é que a sua filosofia escrita é de uma total e quase absoluta simplicidade que o leitor sente, já de antemão, a sua coerência e a sua coesão com a Instância Divina. Se o propósito do Criador foi mesmo *criar* o mundo (e Leibniz, entre outros estavam corretos), o senhor Leibniz atesta e confirma a existência de Deus por um molde propriamente ou por uma escrita com tintas sobrenaturais. Leibniz (2016) *diviniza* a sua escrita ao ponto de torná-la, ela própria, *uma criação* do Pai, ou seja, a criatividade de uma mente e/ou consciência fantástica que, em seu devaneio absoluto solitário, rompe com o ordinário e atinge a suavidade da vida. Mas, se para Hegel, Deus se relaciona consigo mesmo, para Leibniz (2016), Deus se relaciona consigo através das *mônadas*. A história da Idade Média demonstrou, em linhas gerais, o quanto as coisas divinas criadas por Deus merece um retoque, ou melhor, uma bela e bem esperada ressurreição de suas

origens; porque a filosofia até então, anteriormente à Idade Média, estava apenas e somente calcada na compreensão e interpretação metafísica do todo. Quando, foi na Idade Média, que a metafísica da religião fora realmente redespertada quando, na origem primordial das primeiras filosofias, antes mesmo de Platão, Sócrates e Aristóteles, a filosofia era oriental, para citar somente três - *egípcia, chinesa e mulçumana*.

A expressão “Deus se relaciona consigo mesmo” poderia ser interpretada com um dos termos do taoísmo e mesmo do próprio Hegel (2016) - este termo é o *vazio absoluto*. Assim, Deus, na ordem das instâncias da vida é o *vazio*, o Vazio Absoluto. Assim, para Hegel (2016), a Sua vacuidade de origem poderia ser representada pelo Nada Puro de cuja sua determinação se deve à determinação da determinidade da imediatidade do Pai. Ou seja, originalmente e logicamente falando, quando o ser determina o nada e o torna um “nada determinado”, neste momento, aquela vacuidade da presença de Deus inicial já passa a ser não tanto “aparente” porque justamente e simplesmente o ser determinou o nada, ou seja, o vácuo que era a relação consigo mesmo de Deus. Porque se Deus se relaciona consigo mesmo, a sua absolutez absoluta repousa na ideia de que todo o Seu *contorno* é, no mais, um *vazio absoluto*. Por outra via, se dizemos assim - “Deus é o Tudo!” - então, de modo bastante superficial, Deus, na relação de consigo para consigo, ou seja, no Seu *em si* e *para si* absolutos porque esta relação só é “absoluta” apenas para Deus, então, “Deus é o Tudo e, portanto, é o *Absoluto*”. Logo, dentro desta perspectiva, Deus não seria apenas o Tudo, mas todas as suas qualidades e atributos seriam, em suma e perfeitamente falando, *absolutas*. Retirando de todo o universo apenas uma planta, Deus, sendo o Tudo, é também *aquela planta; Ele está e é ao mesmo tempo aquela planta*. Acontece que, como Deus, na sua relação consigo mesmo absoluta, consegue *penetrar* todo o *espaço absoluto* por onde os seres se encontram? Ou seja, como Deus, na sua absoluta absolutez, consegue, mesmo dentro da sua relação absoluta de consigo para consigo, ainda assim, *se relacionar* com os outros e/ou os demais seres? Seguindo uma ordem lógica, Hegel explica - apesar de que Deus é a única unidade verdadeira e apesar também que Deus é, essencialmente e determinadamente, a relação de consigo para consigo, apesar disto, Deus, através da imanência da determinidade da imediatidade do ser-aí, o homem, Deus, por esta via, *sai* do invólucro que é a Sua relação de consigo para consigo e consegue, com a ajuda do ser-aí, o homem, *envolver-se* com a *envoltura*, por natureza, *espiritual*, que é o homem, a partir de, logicamente falando, da determinidade de sua imediatidade enquanto ser dotado de intelecto, sentimento e sabedoria (HEGEL, 2016).

Numa perspectiva esotérica, Deus sendo, o Imaterial por excelência, e a Sua criatura humana, a Sua imagem e semelhança, o homem pode, através da espiritualização e/ou transcendência de seu corpo imaterial, penetrar *aquilo* que conhecemos como a Substância Divina. Só que, em termos meramente lógicos e hegelianos, o ser-aí, sendo criatura e criação de Deus, *o mesmo ou a mesmidade* de Deus, ele

também é. Logo, segundo Hegel (2016), o ser-aí somente poderá ter a possibilidade de se *conectar* com Deus por via da Sua *imediatidade* que seria, digamos, o *ponto lógico* mais propício referente ao *meio terrestre* onde ele, o ser-aí, *se encontra* para que, dentro de sua *pureza-imediatez*, fazer pousar o seu ser na imediatidade que é propriamente sua e de origem para que, assim, o *imediato de Deus* possa finalmente *se revelar* ao homem. Dentro desta ótica-lógica, Hegel (2018b) diz e afirma que - o universal do sujeito pensante, o homem, se reconecta *perfeitamente e logicamente* ao universal que é Deus. Então, como dito em um outro lugar, a universalidade de Deus é a mesmidade da universalidade do homem só que, porém, tudo isto na base do *puro pensar*. O *pensar*, então, *em Deus*, deve-se, originalmente e logicamente falando, à percepção do sujeito pensante, que é o homem, ao passar a se revelar ao divino pelo *universal* que é o seu *pensar*. O universo é um *universal*, logo, o *pensar* é a forma universal que faz *pensar* o universo. A mesma coisa é com relação a Deus. Deus é o Universal por excelência porque, da universalidade deste universal, Deus *conserva* e *representa* o universo ele e por inteiro, logo, a criatura humana ou o ser-aí é o único sujeito, que é pensante e cognoscente, que faz a ponte entre o universal que é o divino e o universal que é o homem terrestre; *mortal, mas de alma imortal*. Assim, para Hegel (2016; 2017; 2018a), o *puro pensar* é *inteiramente abstrato* por natureza, logo, é pela via do poder de universalidade do universal pensar que o ser-aí atinge, na imanência característica de sua pura imediatez, o pensamento também abstrato por natureza de Deus. Assim, *abstratum com abstratum*, o ser-aí se convence de que a única via pela qual ele pode *apreender* Deus é pela via do *puro pensar*, pela via do *pensamento abstrato*. Segundo Hegel (2016), é pelo universal que corresponde ao pensar que o incomensurável e o infinito *passa a se revelar a nós*. Dentro desta ótica, é como se, pelo universal, que é o *puro pensar*, este *puro pensar sai* de sua finitude característica e *entra* numa infinitude própria do divino, mas *sem tocar* a sua forma transcendente. Assim, o *puro pensar*, como pensamento inteiramente abstrato, se coaduna com a infinitude mesma que é também inteiramente abstrata e, aí sim, a relação de Deus para consigo é *efetivada* na relação também *para si* e *em si* do ser-aí.

Nas palavras de Hegel ([1728] (2018b), grifo meu), o que acontece é o seguinte - “Porque somente o pensar é o âmbito deste conteúdo, a atividade do universal, o universal em sua atividade e eficácia. E se o formulamos como a compreensão do universal, então aquilo que corresponde ao universal é sempre o *pensar*. O produto do pensar - o engendrado pelo pensar - é sempre um universal e um conteúdo universal. Assim mesmo, a forma, aquilo que em nós concebe o universal, é o *pensar*. Este universal - o produzido pelo pensar e o correspondente ao pensar - pode ser inteiramente abstrato, como dito; assim ele é o *incomensurável, infinito*, a eliminação de todos os limites, de toda particularidade. Também este universal negativo tem sua sede somente no *pensar*”. No caso em específico, o *pensar* estaria, na designação hegeliana, numa *razão pensante* muito diferente da *razão natural* (AQUINO, 2016), porque a *razão*

pensante seria o próprio *reflexo* do *pensar*, enquanto que a *razão natural* é apenas “razão” e nada mais. Aquilo a que chamamos de “razão natural” é apenas para dizer que o ser vivo humano possui a capacidade intrínseca da racionalidade e, portanto, ele *tem* razão, ou seja, ele percebe, sente, ver, ouve e pensa. Logo e em contrapartida, a *razão pensante* seria o próprio *pensar* porque, dentro de uma lógica específica, o *pensar em Deus* só é um ato suscetível de acontecer no universo do humano, ou seja na universalidade que é o *puro pensar* do ser-aí. Com isto, Hegel (2016; 2017) ao dizer que é o *pensar* enquanto *universal* que garante uma *íntima* comunicação com Deus, claro, dentro de sua *imediatidade* de origem, isto quer dizer que nem o mero pensar, nem o mero sentimento, muito menos, nem o mero raciocinar; não entram neste contexto simplesmente porque a clarificação da imanência do divino é, potencialmente e logicamente, o *próprio pensar* ou o *puro pensar*. Assim, a lógica hegeliana admite e novamente afirma que - se há, logicamente falando, uma possibilidade de acessar a substância divina e/ou a divindade, que é Deus por excelência, o único instrumento, ou mesmo, o único veículo para esta dimensão, é a *pureza da pura imanência do puro pensar*. O *puro pensar*, então, na ótica de Hegel (2016), enquanto apenas *pensamento abstrato*, é a única via, em termos lógicos, para que o ser-aí, dentro de sua envoltura espiritual característica, possa *vim se alinhar* com Deus.

Porque, Deus sendo o *Tudo* ou o *Todo*, este todo não se desmembra em partes ou em porções, mas, o contato com o divino ou a divindade, para Hegel (2018b), é, em suma, na *totalidade do todo*, ou seja, na universalidade que é o universal e, portanto, o *puro pensar*. Logo, o *pensar em Deus*, não seria necessariamente um ato ou uma forma de pensar, mas é, logicamente, o *puro pensar*, a pura determinação que faz o ser-aí, ou melhor, torna a imediatidade do ser-aí *algo do imanente* porque é, dentro desta imanência característica, que a *pureza do imediato* refletida no *puro pensar* que possibilitará, para o homem, *ver e/ou apreender* Deus. Assim, o verdadeiro contato com a única unidade verdadeira que é Deus só pode ser *apreendido* e *conhecido* na abstração que é o *próprio pensar*. Somente assim designar Deus no pensar do ser-aí será possível. Ainda assim, para Hegel (2018a), o *conteúdo do conceito* será necessariamente e logicamente o *próprio* ou o *puro pensar* porque, na sistematicidade de sua lógica, o único artifício decididamente fantástico e por natureza mais imanente possível, sem necessariamente tocar a transcendência que é da ordem do sobrenatural, é, então, o *puro pensar* que, para Hegel (2018b), o *pensar puro*, a única via de acesso ou o único artifício, em todo o universo das coisas criadas, a possibilidade inerentemente executável e formal para o homem essencialmente *chegar a Deus*. De todas as possibilidades apresentadas, esta, ou seja, o *puro pensar*, é a única mais viável. Portanto e em suma, Deus, sendo o *Pensamento Abstrato* por excelência, o ser-aí, ou seja, o homem, em suas determinações próprias construídas pelo seu *puro pensar*, será a única criatura, ou seja, o único sujeito pensante capaz de, através

de seus *momentus* abstratos, atingir também os *momentus* abstratos que é Deus, apreendendo, desta forma, o pensamento abstrato que é Deus. Assim, para Hegel (2018b), apesar de que a divindade seja algo do transcendente, apesar disto, em Hegel, *Deus é o Imediato por excelência*, ou seja, é na Sua pureza da pura Sua imediatez que o ser-aí, também na imanência de seu existir lógico, enquanto *determinidade imediata*, poderá, em suma e logicamente, *atrair* a pureza da pura imediatez de Deus, sendo, o *pensar puro*, a pureza lógica e imanente *desta relação*.

2. DA RELAÇÃO “IMEDIATA” DE DEUS PARA CONSIGO: A “PURA-IMEDIATEZ”

O que seria de fato o sentido determinante de determinação de *determinidade* em Hegel? Ou melhor, como se aproximar de um sentido meio que pacificador e religioso do que seja a “imediatidade de Deus” ou, com outras palavras, como que a *totalidade* que é Deus se comprime ou se dilui de modo objetivo e de modo complementar na suavidade imperial da súbita e por que não imediata *imediatidade* de Deus? Qual seria, portanto, o encontro da pureza com a *imediatidade*? Para falar com Benveniste e de modo mais concreto e peculiar, a *imediatidade* de Deus seria o *Origo*? Ou seja, a unicidade do campo imediato de relações espaço-temporais imediatas é a *Origo* do *Cristo* revelado ocultamente pelas mãos imediatas de Deus? Ou, em uma única palavra, a conquista da presença de Deus é pela via da *fé imediata*? Ou de todo ainda mais profundo, como a fé suprema e absoluta se comprime na designação do que seja a *Origo* de Deus? Ou seja, como a sua estrutura imediata religiosa se coaduna com a observância dos fatos da aparição do imediato na objetividade e determinidade do saber de Deus? O passo primeiro e mais maestral possível seria pelo caminho da *fé*. Ou seja, a fé que Deus realmente existe e que, segundo Hegel (2018b), a paz cristã se revela na cristandade do saber, do conhecer e do espaço imediato. Dito com palavras mais simples, a comunhão com Deus se revela, então, de modo único e onisciente, na pureza de sua pura imediatez imediata de sua presença, súbita, única e infalível. Portanto, Deus, sendo o supremo, é o *imediato*.

O advento de Deus é a Sua simplicidade imediata quando Deus, o supremo em Pessoa, desce à Terra a fim de dar corpo ao lugar imediato do homem, neste caso, *terreno*. Assim, toda a terrenidade do homem é expressa na nitidez de sua *expressividade*. Para Hegel (2014), o acalento da alma ou do sujeito cognoscente penetra a determinação da determinidade do espaço do saber imediato. Neste sentido. Deus, como o oculto por excelência, desperta, sem sombra de dúvidas, o *imediato*, a *imediaté*. O ponto culminante disso é a *imediatidade do ser*; ou seja; aquilo que impera na determinidade do imediato; ou seja; a pura presença da imagem divina ou da divindade. Então, a ordem do caso é a ordem da presença divina do Pai, Deus, na condução da imperiosa imediatidade. O conceito hegeliano, em linhas gerais e bem parcas, se concentra do ser para a essência para se chegar por fim ao conceito. Assim, o conceito de Deus hegeliano

nada mais é do que a presença viva e imediata e concreta do Pai pela imediatidade do ser-aí. O ser-aí é apenas uma parte concreta desta engrenagem multifacetada. O dilema da *Existenz* se expressa ou se espraia na designação da determinação da determinidade do ser absoluto que é Deus em contraponto com a imediatidade que é o puro ser-aí. A história do espírito, para Hegel (2014), se concentra na linha de tempo da imediatidade do ser quando Hegel tem muito bem afirmado que o espírito da história é *atemporal*. Neste sentido, se Deus, sendo onipresente, é transcendente e eterno; a Sua eternidade é, no mais, também *imediata*.

Com isto, o centrum ou a centralidade do grande paradoxo do Nada hegeliano é justamente a relação entre as duas imediatidades - a do ser-aí em direção à de Deus e a de Deus em direção a do ser-aí. Com este sentido, a *Expressionalité de Ila Vitta*, no sentido hegeliano, nada mais é do que a incorporação do Conceito da Vida na imanência do existir do Nada Eterno, ou seja, o *Espacio Absolutie del Dios* é a forma aparente do *Imediato*. Logo, assim, o *Imediato* são vários *imediatos-em-pessoa*; o que quer dizer que o *conceito* estar ou se encontra em cada *imediato* ou em cada *imediatidade do ser*. O campo de cada um destes imediatos são, cada uma delas, a forma aparente de Deus, o Pai. Como exemplo temos aquilo a que chamamos a “bondade de Deus, do Pai” que se expressa vitalmente em cada alento ou sopro vital (ou de vida) de cada forma aparente; ou seja; em cada gesto e/ou ato comunicacional entre o nada puro que deixa de ser “puro” e passa, em essência em essência, de um modo geral, ao conceito da vida da imediatidade do ser-aí e do ser de Deus. Deste modo, a essência do divino é nada mais do que cada forma aparente de aparição da determinação da determinidade da imediatidade do ser-aí em relação ao ser-aí de Deus. Torna-se óbvio que o ser-aí de Deus não advém objetivamente nem subjetivamente do ser-aí que é o homem, muito ao contrário absolutamente, no tom absoluto mesmo da mesmidade que Hegel chama de “Deus”, a conjectura de demonstrar Deus para todos, no linguajar hegeliano, denota uma total expressividade de seu campo e saber imediatos quando a categoria da “imediatidade” se esclarece, na definição mais que absoluta de Hegel, na absoluta imediatez da pura e esplendorosa imanência quando, ainda, esta “imanência” é a *pureza-do-imediato*.

Indo agora por outro ponto do olhar aguçado e profundo do filosofar hegeliano, a *mesmidade* do olhar novamente *aguçado* e por que não *religioso* de Hegel nos convida a testemunhar uma abertura ou mesmo uma expansão de perspectiva quando a mesmidade do ato de imediatidade de Deus se coaduna com a mesmidade da imediatidade do ser-aí. Neste sentido, a mesmidade do ato de imediatidade do ser-aí é o *mesmo* que a mesmidade do ato absoluto e por que não imediato de Deus, o Pai. A suavidade do ato de introspecção do ato imediato de Deus acaba por se dissolver no contato virtual com o ato também virtual, mas imediato, da imediatidade do ser-aí. O confronto entre opostos que, em sua verdade, são, na verdade,

complementares, se equilibram na justaposição do nada absoluto de Deus e do nada imediato e concreto do ser-aí. Esta composição de opostos justifica o equilíbrio até simbiótico entre o nada absoluto de Deus dentro de sua imediatidade absoluta e o nada concreto e imediato do ser-aí que se equilibra de modo ordinário na composição do nada eterno, mas imediato de Deus e o nada concreto, mas imediato, do ser-aí. A forma que irá resultar disto é, em sua verdade e, na verdade, a *pureza-imediatez* de Deus em Hegel.

Na forma do campo imediato da pureza da *pura-imediatez* do ponto *Origo* da imediatidade do ser-aí Deus desce do Alto, na pureza de Seu ato puro e em Sua pura imediatidade e, ao “colidir” com a imediatidade do ponto *Origo* do ser do ser -aí, provoca uma suave sintonia de acoplamento e de equilíbrio entre os pares de opostos quando, na suavidade desta sintonia, o nada absoluto de Deus ao se colidir com a lógica sistêmica da imediatidade do ser-aí, se torna, este nada absolto, um nada puramente e esplendorosamente “imediato”. “Imediato” não apenas em sua presença avassaladora, mas no súbito contato da disparidade ontológica e lógica entre a imediatidade pura de Deus e a imediatidade pura do ser-aí. A presença súbita e imediata da imediatidade do ser-aí traz, no encanto da luminosidade absoluta e também imediata de Deus, o Pai, a forma corpórea e divina através do meio transcendente a forma característica da *pura-imediatez* de Deus como nos demonstra Hegel.

Hegel, unânime na sua Lógica singular, tece um argumento muito característico sobre a unicidade e simultaneidade da singularidade tanto da imediatidade de Deus quanto da imediatidade do ser-aí. Para Hegel (2016), não há uma divisão, nem algum tipo de ruptura mesmo que fantástica, mas, todo o contorno lógico das duas imediatidades, não se suprime, nem subsume, mas ordinariamente se complementam com a suavidade caracteristicamente concreta da imediatidade do ser-aí. O ser-aí, na acepção hegeliana, nada mais é do que a concretude da imediatidade do ponto *Origo* que ele é na suavidade súbita de sua *pura-imediatez*. Neste sentido, a lógica por detrás da lógica hegeliana é sempre o *contrassenso* da imediatidade do ser de Deus e a imediatidade do ser-aí. A simbiótica do contrassenso da imediatidade do ser de Deus e da imediatidade do ser-aí é, na verdade, o confronto da mesmidade ontológica entre ser e nada quando, na verdade ainda, segundo Hegel (2016), primariamente, o nada inicialmente impera sobre o ser e o ser determina a nadidade ontológica do nada imediato. A ótica hegeliana, então, se *reafirma* no confronto entre o nada e o ser da imediatidade de Deus e o nada e o ser da imediatidade do ser-aí.

Na conjuntura entre as duas imediatidades, a de Deus e a do ser-aí, na imanência deste paradoxo inevitável, que somente à primeira vista nos parece ser “inevitável”, o imediato de Deus passa a ser sempre *reafirmado* pela imediatidade do homem cujo este “paradoxo inevitável” é somente o sumo ou o conjunto também inevitável destas duas possíveis e bem claras imediatidades. Sendo assim, a abertura do horizonte por onde pela qual a pura imediatidade de Deus adentra na imediatidade do homem se consagra de modo

efetivo ou dentro de uma efetividade na determinação da determinidade da pura-imediatez das duas imediatidades, Deus e o homem. Neste paradoxo novamente inevitável, o caminho lógico vai se alinhando até que, em termos esotéricos, o lume por onde desencadeia a união indissociável entre uma determinidade de imediatidade e outra vai compondo toda a lógica proponente. Dito isto, toda esta organicidade teológica evidente passa a atravessar o caminho lógico da Suma Divindade no momento mesmo em que Deus, o Pai, dentro de sua determinidade característica e própria desce do Alto e se insere na imediatidade do homem através e por ela mesma.

Neste sentido, a mesmidade mesma deste paradoxo destas duas imediatidades nada mais é do que a união lógica de duas determinidades de imediatidades - a do ser e do nada de Deus e a do ser e a do nada do ser-aí. Como trata Hegel (2016), na *Lógica I*, a determinação da determinidade de algo ou de alguma coisa só poderá ser revelada ou mesmo “percebida” quando o nada, que era puro e eterno, passa a contornar, de modo determinado e determinante, o ser. E, depois de o ser ser “preenchido” pelo nada, a determinação da determinidade da imediatidade acontece. Só assim e somente assim, segundo Hegel (2016; 2018b), o ser de Deus se envolve de modo inevitável, eterno e absoluto, no ser do homem. Este “estar-em confronto” incessante e indissociável é o que vai tornar o ser do homem algo do divino e do divino tornar este ser do homem algo de “transcendental” e/ou “transcendente”. O modo ou a forma da “transcendência”, ou seja, o *transcendentalis* nada mais é do que quando inicialmente o nada determinado pela imediatidade do ser de Deus no encontro com o nada puramente imediato do homem se alinham e, aí sim, a famosa “determinação da determinidade da imediatidade hegeliana entre “ser” e “homem”” finalmente aparece.

Visto, então, deste ângulo, a *hominis transcendentalis* na ótica hegeliana nada mais seria, em um sentido geral, do que o conceito que é a determinidade da imediatidade de Deus unido ou junto ao conceito da determinidade da imediatidade do ser-aí que seria, na natureza de sua ontologia, o contraposto da primeira. Assim, a prova ontológica da existência de Deus por Hegel inicialmente passa, dentro desta lógica que aqui é apresentada, pela determinação da determinidade da imediatidade entre a imediatidade do Pai, Deus, e a imediatidade do homem, o ser-aí. Neste confronto de pares que, na verdade e, em sua verdade, nada mais é do que uma união indissociável entre o elemento divino, Deus, e o elemento terrestre, o homem. Só que na lógica destes pares e no interior da lógica hegeliana, tudo se passa através de um contato se pudermos falar de uma “metafísica da lógica” quando a *physis* nada mais seria do que o logicismo.

A Lógica de Hegel, com este sentido, nada mais seria do que uma possível “metafísica da lógica” quando o ponto ou os pontos lógicos se “dissolvem” na abstratividade do mundo metafísico das coisas e dos “algos”(HEGEL, 2016; 2017; 2018a). Sendo assim, cada algo visto na arquitetura lógica hegeliana, seria a composição ou a abertura ao universo lógico de uma grande teoria elementar das coisas e dos

“algos”. Sendo assim novamente, no interior mesmo da lógica hegeliana, em cada singular e heterogênea superfície se encontra a profundidade de cada algo desta mesma superfície. Assim, a lógica hegeliana parte da premissa de que em cada centro e/ou ponto lógico de uma grande teoria elementar cada perspectiva e/ou visão da natureza, na ótica hegeliana, é vista de modo absolutamente necessário e profundo justamente porque Hegel parte da premissa de que “o universo sendo um *Grande Ponto* calcado na Grande Atmosfera, cada mínimo elemento corpuscular que está inserido neste seu conjunto pode ser interpretado e reinterpretado sob múltiplas maneiras porque em cada ponto lógico deste Grande Ponto que é o universo se encontram simultaneamente de um lado a sua superfície e de outro a sua profundidade. Então, em todos os seus escritos, Hegel quer nos demonstrar e até provar, logicamente falando, que o universo não sendo um *Grande Ponto* fechado é, pelo seu absoluto contrário, um universo inteiramente, eternamente e infinitamente *aberto*.

Assim, por outro lado, a dinâmica das imediatidades, de um lado, a divina, Deus, e de outro, a terrestre, o homem ou o ser-aí, é, na verdade e, em sua verdade, apenas um ponto e/ou um aspecto da Grande Extraordinariedade que é o universo aberto com todas as suas cores, pontos, aspectos, elementos e seres de todos os tipos. Em suma, poderíamos dizer assim, utilizando, claro, elementos hegelianos, a imediatidade do ser da Terra é representada pela imediatidade dos seres-aí, enquanto que, por outro lado, mas, em sua mesmidade unitária, a imediatidade do ser de Deus é representada por todo o corpo celeste, visto isto de modo altamente e completamente *lógico*. Sendo assim, a Tessitura da Vida se presta o serviço de demonstrar e mostrar que todos os elementos vitais da Suma e Bela Natureza de Deus está, em toda a medida e em todo o canto, no interior de cada algo e/ou de cada coisa e, sendo assim ainda, logicamente falando, é a *imediatidade* desta relação indissociável que vai nos dar ao menos um parco ainda que sentido da comunicação entre Deus, o Pai e o homem, o ser-aí.

3. SOBRE A DETERMINAÇÃO DA VACUIDADE DO NADA PURO

Sobre a determinação da vacuidade do nada puro é importante dizer algumas coisas. Primeiro que o volume 1 da *Ciência da Lógica* (ou seja, “A doutrina do ser”) repousa numa tarefa, inicialmente, surpreendente - o difícil desafio de fazer com que o ser *se sobressaia* ao nada. A lógica hegeliana, nesta tarefa, incide-se em um dilema que pode até desafiar a metafísica - a saber - “o ser não é nada sem o nada e o nada não é nada sem o ser”. A questão, então, é colocar aqui, ou melhor, responder aqui uma pergunta em específico - qual seja - “de que modo a determinidade da vacuidade do nada puro tem relação com a imediatidade do ser?”. Sabemos que, diante àquilo que Hegel (2016) apresenta nas palavras iniciais da *Lógica I* (“A doutrina do ser”), costuma-se evidenciar uma predisposição quase que salutar por palavras

como “vácuo”; “vazio”; vacuidade; “nebulosidade”; “abismo”; “nada”; “pureza”; “determinação”; “subsumação”, etc. Palavras que, lentamente, vão tecendo parágrafos muito precisos e altamente sumológicos e, mais ainda, o que de fato surpreende na escrita hegeliana desta *Lógica* é a sua quase que absoluta *coerência*. Porque, para um autor de um texto chegar a possuir um domínio tão grande da escritura ao ponto de, nesta sua escrita, testemunharmos uma coesão e consequente coerência quase que *absolutas*; isto deve-se, sem sombra dúvidas, à mente extraordinária como a de Hegel.

A noção de “ser” e “nada” vem bem na esteira de Parmênides. Hegel (2016) até o cita quando Parmênides trata da relação, quase que absoluta também, entre “ser” e “nada” e “nada” e “ser”. Neste conceito, Parmênides diz - “o ser não é nada sem o nada e o nada nada sem o ser”. Tido isto em mente, a lógica hegeliana se alinha numa estrutura extremamente dialética e que, o mais surpreendente desta relação quase absoluta, é que, apesar da lógica dos contrários, Hegel (2016) apresenta-nos o “ser” e o “nada e o “nada” e o “ser” de modo altamente *interligado*, tentando, em sua relação originária de origem, interligá-los tanto, que nos lembra a filosofia de Parmênides quando este era, digamos, tão fissurado nesta relação (“ser” e “nada”; “nada” e “ser”) que o próprio considerava o “ser” e o “nada”; os dois gêmeos da mesma placenta. No entanto, aquilo que será mais frisado neste pequeno texto é o *processo in abstrato* do “nadificar”, ou melhor, como a *vacuidade* passa a estar presente no conceito hegeliano de “nada puro”. Bem, toda a estrutura arquitetônica de Hegel, como conhecemos apenas em parte, descreve uma sintonia ou uma espécie de “sensibilidade” para com a coesificação de seus próprios termos. É que Hegel gosta mesmo de “brincar” com as palavras quando o seu intuito mesmo é, em linhas abstratas, demonstrar “como o conceito *se constitui* à luz da lógica”.

Para Hegel (2016), na esteira de sua discussão lógica que vai daquilo do mais abstrato para àquilo do mais concreto, a *presença do nada* em suas primeiras palavras na *Lógica I* faz despertar, no leitor, uma espécie de *êxtase* quando, em sua tessitura fantástica, Hegel (2016) faz ver que o *nada* pode ser *determinado* dentro de uma *determinação* o mais lógica possível. É que, particularmente, o tema da *vacuidade* desperta ainda, em um leitor que esteja desavisado, *devaneios* potencialmente súbitos, tão súbitos, que chegam a ser quase que absolutamente “profundos”; tomando até a profundidade de uma determinada vacuidade. O tema da *vacuidade*, na *Lógica I*, é demonstrar que o *nada puro*, dentro da sua pura escuridão momentânea absoluta porque é “pura”, que, enquanto o ser não chega para *apaziguar* tamanha “pura escuridão” do *nada puro*, este *nada puro* continuará a viver na pura vacuidade de sua origem. Porque o *nada puro* é tão somente o “nada puro”, pois, dentro do seu caminho, seja em seu *interior* ou em seu *exterior*, nada o atravessa a não ser o caminho que leva ao *abismo*; ou seja; àquela vacuidade e/ou vazio absolutos que lhe é inerente e imanente. Porque esta tal “vacuidade absoluta” é da ordem mesma do *abismo*. O *abismo* representa o

“lugar” de origem para onde se *desertifica* numa amarga e acerba tenebrosidade o *nada puro*. O *nada puro*, assim, representa o ponto inicial bem como o ponto final de todo *este abismo*. De ponto a ponto, o *abismo* se completa porque o *abismo-mesmo* é o *nada puro*. Falta a ele, *brilho* bem como *luz*. A ausência de luminosidade, no dizer de Hegel, é, logicamente falando, *ausência de determinidade*, como também *ausência de imediatidade*. Não há, portanto, nesta relação lógica, nem poderá haver jamais o brilho de uma lâmpada acesa justamente porque a forma-mesma de seu *abismo* é a *mesmidade-própria* do *nada puro*. Não há ali o que encontrar porque só há *escuridão*. Logo, na falta da *luz da determinação*, falta tecido, forma, substância e/ou conteúdo. Porque não haverá brilho enquanto o ser não invadir a seara do abismo que é o *nada puro*. Ou melhor, com outros termos, quando o ser, de fato, não *determinar* esta tamanha vacuidade, *em si e para si*.

Então, Deus, que poderia representar esta “tamanha e absoluta vacuidade” na imanência do *nada puro*, ou seja, em um *vazio absoluto* toma, ele mesmo na relação para consigo no *em si e para si*, o Seu ser para que, por fim, possa *estar presente*, ou melhor, para que Ele *desolcute* a Tua presença imperceptível aos olhos do corpo, mas inteiramente perceptível *aos olhos do espírito*. Assim, Deus, enquanto um grande e absoluto *sistema fechado* somente consegue ser aquilo que Ele é para nós na imanência da *clareza do ser*, ou seja, em Sua determinação da determinidade de ser. O mesmo acontece com o ser-aí, porém, de modo absolutamente mais “concreto”, pois, Deus na relação consigo absoluta *é apenas Deus Ele mesmo para Ele mesmo*, enquanto que o ser-aí é apenas a Sua imagem, a Sua semelhança bem como o Seu reflexo. Logo, “ser” e “aí” são termos, na língua ordinária, que significam, além de tudo e além do mais, “imediatividade” ou, em uma palavra muito mais corriqueira e/ou comum, o “imediato”. Sim, muito diferente da determinação da determinidade de Deus pelo Seu próprio ser, o ser-aí se resolve muito mais facilmente em sua imediatidade de origem e por natureza imediata, finita e, portanto, mortal. É que, muito em contrapartida, a imediatidade de Deus é absolutamente diferente ou o contrário da imediatidade do ser-aí. A primeira aparece somente quando a determinidade da imediatidade do ser-aí *resolve entrar*, digamos, *em conexão* com a ordem divina ou com a divindade. Assim e somente assim, Deus, *na Sua relação de consigo para consigo*, diante de Sua autonomia e vontade absolutas, *entra* na determinidade da imediatidade do ser-aí, e aí, a relação do ser-aí para com Deus passa a ser *efetivada* e, com o ser, tornada não somente *determinada*, mas *pura presença*, ou seja, Deus se mostra *vivo para com nós*.

Porque, ao nosso entender, Hegel (2016;2017; 2018a) demonstra em sua *Lógica*, que Deus, inicialmente falando, é *Pura Vacuidade*, logo, o Seu ser, na imanência absoluta do Seu ocultamento, só passa a *aparecer* quando o ser-aí, por ser “imediato” por excelência, a sua própria imediatidade *medeia e/ou perpassa* a imediatidade de Deus; porque Deus *é também puramente e perfeitamente* a imediatidade

do ser-aí. Logo, Deus está e sempre estará *eternamente* na Sua relação de consigo para consigo, no entanto, o golpe maestral de Hegel é *demonstrar* que a divindade poderá ser *percebida, sentida e/ou pensada* quando o ser-aí *atravessa*, logicamente falando, a determinação provisória da absoluta vacuidade que é Deus. Mas, como seria isso? Bem Deus, apesar de *estar-sempre-oculto*, Ele estar também o tempo todo absolutamente presente e transparente, porém, é a determinação da determinidade da imediatidade do ser-aí o ponto-chave que possibilitará, *via o imediato*, a comunicação, íntima e profunda, com Deus, o Pai. Dito isto, Deus é a *Pura Presença* como é também a *Pura Ausência*. Deus são os dois e se o homem é a Sua imagem e semelhança; o homem *é uma imagem duplex*; não porque o homem tem dupla natureza, mas, no tocante ao nada e à vacuidade de um lado, e ao ser e à vivacidade de outro, Deus em Sua relação de consigo para consigo pode estar tanto *presente como ausente*. Logo, o que há aqui não é uma divisão. Muito longe disso, o que há aqui é uma união intrínseca, imanente e absoluta. No mais, *absoluta. Porque nada na Terra pode ser absoluto, somente Deus*. Deus é, então, e poderá ser, então, essencialmente, ou seja, diante de sua absoluta e pura essência, *o Absoluto de Todas as Coisas*. Logo, como bem diz Hegel, “Deus é a única unidade verdadeira”; o que quer nos dizer que todas as demais coisas inerentes a Ele *são meramente conceitos*.

Assim, *conceitos* não no sentido meramente de uma *imagem e/ou representação* da Substância Divina, mas *conceito* no sentido de *reflexividade*, ou seja, *um total e absoluto espelhamento* de Seus atributos bem como de Suas qualidades. Ou seja, enquanto Deus não for “tocado” essencialmente pela lógica da imediatidade do homem, Ele, Deus, permanecerá na pura vacuidade de Sua imanência característica; porque o *lume criado* (para utilizar um termo de São Tomás de Aquino) somente se tornará um *algo de efetividade pura* quando o momento - *de a imediatidade do homem tocar a imediatidade de Deus*. Assim e somente assim, *Deus estará revelado para e ao homem*; não em partes, mas totalmente e/ou inteiramente. Porque se Deus é o Tudo e Tudo é Deus, então, na contextualidade da criatura humana, e ela sendo a Sua imagem e semelhança, é absolutamente normal a conexão com o divino, com a divindade; por ela, a criatura humana, ser a Sua criação. Assim, Deus na Sua relação de consigo para consigo, somente *sairá* de Sua Pura Vacuidade, quando o ser-aí, que é o homem, *decidir por si próprio*, enxergar a Deus. Portanto e em contrapartida, não basta “enxergar” a Deus; torna-se preciso, primeiramente, “dissolver” toda a camada “nebulosa” (nadificada) de Sua vacuidade para, só depois, apreendê-lo com um total e absoluto *sentido*. Outro ponto que aqui merece destaque é *o total índice de abstratividade da vacuidade* porque se, para Hegel, Deus é também o *Absoluto Abstrato*, neste sentido e com este sentido, a dialética entre “ser” e “nada” e “nada” e “ser” torna-se totalmente *eficaz* porque é dentro desta relação lógica que, logicamente falando, o “ser” e o “nada” e viceversa “dissoloverá” toda a pura nebulosidade da *pura vacuidade*.

representada logicamente pelo *nada puro*. Por fim, cabe-nos dizer somente mais uma coisa - toda a teoria de Hegel para explicar a comunicação da criatura humana (o “ser-aí”) com Deus, de modo perfeitamente lógico, só pode ser concebida na base de uma teoria ou de *um sistema do abstrato (abstractum)*. E é, dentro deste índice absoluto de *abstratividade*, que o *concreto* surgirá *alguma vez*. Assim, tornando o *abstrato concreto*, a lógica hegeliana se completa fielmente.

REFERÊNCIAS

AQUINO, T. **Suma Teológica**. Vol. 1. Tradução de Alexandre Correia. São Paulo: Ecclesiae, 2016

HEGEL, G. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis, Vozes, 2014.

_____. **Ciência da lógica I**: a doutrina do ser. Tradução de Christian Iber, Marloren I. Miranda, Federico Orsini e Agemir Bavaresco. Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. **Ciência da lógica II**: a doutrina da essência. Tradução de Christian Iber e Federico ORsini. Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **Ciência da lógica III**: a doutrina do conceito. Tradução de Christian Iber e Federico Orsini. Petrópolis, 2018a.

_____. **Filosofía de la religión**: últimas lecciones. Tradução de Ricardo Ferrara. Madrid: Editora Trotta, 2018b.

LEIBNIZ, G. **Monadologia**. Lisboa: Edições Colibri, 2016.